

Viver no disfarce é a pulsão básica do ser humano, na intrínseca recusa em se fundir à sua própria sombra, na bi-unidade no paroxismo do processo evolutivo. O azul do céu induz à ilusão de uma serenidade reflexa da profundidade tumultuosa oceânica, matriz do inframundo renegado, radicado no caos nascente do vórtice que vivenciei durante a apresentação “O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno”. Esse ponto profundo e visceral, onde os tumores da transformação germinam para, depois serem extirpados pelo bisturi iluminado pela percepção real de que o sombrio é tão necessário quanto a luz, ou a dor, para se perceber a dimensão para onde nos conduz o prazer.

O André, a Joana, a Alexandra e o Paulo, sob a mestria de Hugo Calhim Cristóvão, instalaram um novo sistema caótico, capaz de sugar o espetador para dentro do palco – a improvisação cósmica de um duelo criado pela

realidade perceptiva. O confronto entre Eros e Tãntos: o castigo da efemeridade da beleza física, quando não sujeita às dores da Crisálida, em confronto com o castigo da brevidade do corpo, quando este desconhece os mistérios da Natureza.

O DISFARCE

A ciência feminina surge nesta dança antitética em vislumbres pregnantes de um desafio para o abismo. Eu senti a porta do submundo a abrir-se na oferta das entranhas da vulva, onde Tãntos e Eros se revolvem na lama fecundada na Noite.

A dança da simetria é eufórica, inebriante, vertiginosa. Ao entregarmo-nos à queda primordial, ao desconhecido, ao negro buraco do nosso subconsciente, encontramos todas as personagens do André, da Joana, da Alexandra e do Paulo. No destino final, há o apaziguamento aparente do desfecho do “O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno”. Parece ser Tãntos o vencedor, mas Eros está mesmo ali ao lado, como um mundo contíguo, cuja transparência se torna opaca na recusa de ver O Outro Lado.

DO AZUL

Neste disfarce azul, tudo é neblina, dissolução. O corpo rende-se ao ritmo ministrado pela figura do Paulo, os sentidos dobram-se pelo braço de ferro entre a figura da Joana e a de André, e assumimos o lugar da figura da Alexandra. Somos “presas” dos próprios instintos, ou os instintos são meios operativos da redenção? Aprecio a última via: porque nos instintos percecionamos a sombra que dá razão à existência da luz. O corpo e a alma fundem-se na espessura da carnagem do SER, manifestado na vivência erótico-sexual. A experiência vulvar emana o Princípio do Dilúculo que instaura o fim do Caos e o momento da Criação.

O azul transmuta-se no carmim intenso em torno das crateras vulcânicas labiais de Tãntos e de Eros. Dois grandes lábios abrem-se aos olhos numa pantragruélica sucção para o interior da caverna do caos primordial. A fundura do Não-Tempo regurgita uma só substância incandescente. Uma só forma translúcida, etérica que não é ainda conhecida neste mundo.

A coreografia d’ “O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno”, cerzida por Hugo Calhim Cristóvão e Joana von Mayer, aponta-nos um novo paradigma da consciência do indivíduo. Ninguém fica indiferente ao potencial transformativo dos sentidos. O corpo despedaçou-se com uma força superior ao desmembramento xamânico. Pois neste momento não são os espíritos a rasgar as nossas partes e entranhas: somos nós que nos auto-despedaçamos a cada pancada percutida pelo Paulo.

Obrigada ao Hugo e à Joana